ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS20 e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:
Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga

UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

Índice

15 Prefácio
José Morais Arnaud

1. Pré-História

19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas

33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes

45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira

61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura

75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues

95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa

105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves

119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquinito

135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge

149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz

167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa

179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira

195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro

203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas

227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho

241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva

253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves

267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia

285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia

299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz

313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar

327 Análise isotópica estável (Δ13C) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgina Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro

333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maçãs (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel

345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva

357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves

365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria

389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco

401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça

411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter

439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues

451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz

463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira

481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá

493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva

507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório

519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix

533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira

549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu

563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes

575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra

585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto *CAESAR*
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas "pedras de raio"
Fernando Coimbra

611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha

625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro

633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins

665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva

679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias

693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões

707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes

723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes

731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum

741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer

755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre

771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, nos 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro

785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein

801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva

815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada

831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso

843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão

859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva

873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato

885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

901 A *terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos

915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo

931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Letícia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro

941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães

953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira

965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz

977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench

993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães

1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques

1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata

1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão

1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva

1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes

1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga

1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho

1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento

1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva

1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade

1169 "Ante o cruzeiro jaz o mestre": resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain

1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins

1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix

1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme

1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa

1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira

1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado

1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha

1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques

1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro

1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira

1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro

1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquinito / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca

1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço

1379 "Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres": as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain

1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate

1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro

1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva

1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva

1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados--finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva

1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant'Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro

1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes

1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto

1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González

1495 A *Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas

1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão

1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho

1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira

1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt

1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire

1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano

1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba

1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporanidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva

1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto

1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira

1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológico da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva

1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias

1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Subserra e na Bateria Nova de Subserra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos

1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação

1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa "invadiu" o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva

1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos

1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão

1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares

1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro

1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio Garcia Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis

1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio

1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis

1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins

1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco). Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes

1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo

1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lígia Vitale / Raquel Vilaça

1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira

1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco

1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre

1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz

1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maçãs (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões

1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra

1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz

2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum

2025 "Cada cavadela sua minhoca": Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco

2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves

2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos

2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florbela Estêvão / Vítor Oliveira Jorge

2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal

2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

2103 Pré-História e "Antropologia Cultural": repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge

2115 "Onde está o Wally?" Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito

2125 "Criei o hábito de geralmente ignorar": sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga

2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão

2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins

2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes

2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel

2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos

2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco

2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso

2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Claúdio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

2245 Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva

2261 A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovélico*
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes

2273 A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta
José António Gonçalves / João Marrocano

2291 A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo
Tiago Silva

2301 O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek

2307 Tecnologias de Deteção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos

2321 Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos
César Oliveira

2331 Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea

2343 Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota

2357 Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira
Arlette Figueira / Miguel Lago

2365 Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu

2381 Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)
Nuno Mota / Ana Caessa

2393 Arqueologia Urbana no Município de Coimbra
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo

2407 A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira

2419 Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte
Paulo Morgado / Sónia Filipe

2433 Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel

2441 Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

"CADA CAVADELA SUA MINHOCA": ARQUEOLOGIA PÚBLICA E COMUNICAÇÃO ATRAVÉS DO CASO DE ESTUDO DO LARGO DO CORETO E ENVOLVENTE (CARNIDE, LISBOA)

Ana Caessa[1], Nuno Mota[2]

RESUMO

Independentemente do significado que se possa atribuir ao termo "Arqueologia Pública", pode considerar-se que a intervenção arqueológica no Largo do Coreto e envolvente, em Carnide (Lisboa), realizada entre Março de 2012 e Abril de 2013 (LCOR 12), materializa esse conceito e prática. Os trabalhos arqueológicos realizaram-se em espaço público, à vista do público, no âmbito de um projeto urbanístico público, impostos por regulamentação pública, seguindo indicações específicas emanadas de instituições tutelares públicas e dirigidos por arqueólogos municipais, ou seja, funcionários públicos. Desde o seu início suscitaram reações do público a que foi necessário responder, no princípio casualmente, mas depressa seguindo uma estratégia de comunicação e de aproximação com a comunidade local, geral e científica.

Palavras-Chave: Arqueologia pública; Comunicação; Comunidade; Caso de estudo; Carnide.

ABSTRACT

Regardless of the meaning that can be attributed to the term "Public Archaeology", it can be considered that the archaeological intervention in Largo do Coreto and its surroundings in Carnide (Lisbon), carried out between March 2012 and April 2013 (LCOR 12), materializes this concept and practice. The archaeological works were carried out in a public space, in public view, within the scope of a public urban project, imposed by public regulamentation, following specific instructions issued by public tutelary institutions and directed by municipal archaeologists, that is, public servants. Since its begginings, it has provoked reactions from the public to wich it was necessary to respond, at first casually, but quickly following a strategy of communication and interaction with the local, general and scientific community.

Keywords: Public archaeology; Comunication; Community; Case study; Carnide.

1. COMUNIDADE, COMUNICAÇÃO E ARQUEOLOGIA PÚBLICA

"Cada cavadela, sua minhoca" foi o comentário mais ouvido pela equipa que realizou a intervenção arqueológica no Largo do Coreto e ruas envolventes, em Carnide, entre Março de 2012 e Abril de 2013. Era proferida tanto com sentido negativo, porque transparecia o alongar no tempo dos trabalhos arqueológicos de campo, implicando incómodo à obra de requalificação paisagística e à utilização pública do espaço, como com sentido positivo, manifestando uma agradável surpresa pela profusão dos achados. Os trabalhos arqueológicos realizaram-se sempre em espaço público, à vista do público, no âmbito de um projeto urbanístico e paisagístico público, impostos por regulamentação pública, seguindo indicações específicas emanadas de instituições tu-

1. Câmara Municipal de Lisboa / ana.caessa@cm-lisboa.pt

2. Câmara Municipal de Lisboa / nuno.m.mota@cm-lisboa.pt

telares públicas e foram dirigidos por arqueólogos municipais, ou seja, funcionários públicos. Desde o início suscitaram reações do público, de que a expressão "cada cavadela, sua minhoca", usada com sentido negativo, ou com sentido positivo, tão assiduamente, é um exemplo.

A frequência da utilização da palavra "público/a" na referência às características desta intervenção arqueológica não seria por si só suficiente para que fosse enquadrada no âmbito da Arqueologia Pública, não fosse o esforço, realizado quase desde o início dos trabalhos de campo, em responder às reações dos diversos públicos, no princípio casualmente, mas depressa seguindo uma estratégia de comunicação, divulgação, aproximação e mesmo integração da comunidade local, geral e científica.

Desde a segunda metade do século XX (altura em que os trabalhos arqueológicos começam, pelo menos no mundo ocidental, a sair da sua condição, até aí, excecional) que as questões da pertinência da Arqueologia para a sociedade e o lugar que é reservado à comunidade no processo de construção do discurso histórico sobre o passado são discutidas. A entrada da atividade arqueológica nas dinâmicas do uso dos territórios, urbanos e não urbanos, muito impulsionada por quadros legislativos, nacionais e internacionais, criados para garantir a salvaguarda do património cultural, provocou reações (positivas e negativas) que incentivaram (e por vezes obrigaram) os arqueólogos a desenvolver estratégias de comunicação que tornassem os resultados das suas pesquisas acessíveis ao público não especializado e, simultaneamente, o sensibilizassem para a necessidade e relevância do estudo e proteção do património arqueológico. Mais recentemente e ainda mais difícil (e até polémica) é a tentativa de ir além da simples transmissão unidirecional do conhecimento e promover a colaboração e reciprocidade (veja-se por exemplo: Bolduc, 2018; Martins, 2012-2013; Moshenka, 2017; Skeates *et alii*, 2012; Valera, 2008; Williams *et alii*, 2019).

Assim, também a Arqueologia acompanhou a tendência que levou ao abandono do conceito de Ciência herdado do século XIX, em que o conhecimento científico possuía um estatuto superior, fundado numa base conjuntamente empírica e racional e, para ser produzido, tinha que se distanciar do contexto e ser imune à sociedade, exceto no que respeitava à negociação das condições que assegurassem a existência da atividade científica em autonomia e independência (Bordieu, 2004).

No caso da intervenção no Largo do Coreto e ruas adjacentes, em Carnide, o desafio variou consoante a fase dos trabalhos (se de campo, se de gabinete ou laboratório) e a sua conciliação com o quadro regulamentar existente que, tratando-se de trabalhos arqueológicos em meio urbano em contexto de projeto urbanístico, impõe restrições/condições para a sua realização que impedem, por exemplo, a direta e fácil integração de pessoas não relacionadas com o projeto nos trabalhos de campo.

De qualquer forma, caminhos foram sempre encontrados para ir comunicando praticamente desde o início dos trabalhos sobre a necessidade da realização, no âmbito de um "Projeto de Requalificação Urbanística e Paisagística do Largo do Coreto e Ruas Adjacentes", de acompanhamento arqueológico da decapagem do terreno para substituição de pavimentos e da escavação de 62 sondagens arqueológicas, respondendo à necessidade de abertura de valas para instalação de infraestruturas. Com o avançar dos trabalhos de campo e a identificação de realidades arqueológicas (silos, as "covas de pão" medievais transformadas em lixeiras subterrâneas repletas de materiais descartados entre o século XVI e os meados do século XVII, altura em que foram abandonados e esquecidos, mesmo nessa função; um poço , provavelmente de origem medieval, ainda com água; enterramentos cristãos datáveis do século XVII a meados do século XIX; o troço do alicerce de uma ermida, dedicada ao Espírito Santo, de origens medievais e demolida nos meados do século XIX), tornou-se clara a importância das descobertas para a revisão do discurso histórico de Carnide e a preservação da memória e identidade do sítio (Fig. 1).

Terminados os trabalhos de campo foi uma preocupação, durante pelo menos por mais três anos, continuar a desenvolver interações formais e estruturadas com a comunidade local que vivera os incómodos de uma intervenção arqueológica em espaço público a que assistira diariamente durante mais de um ano, com repúdio ou com interesse.

Rapidamente (ainda durante os trabalhos de campo) tanto para a comunidade local, como para o público em geral, como ainda para a comunidade científica, se tornou evidente a necessidade de comunicar os resultados da intervenção arqueológica e o impacto que deveriam ter no discurso historiográfico de Carnide, até aí realizado sobretudo através de fontes mais literárias do que históricas que se

reproduziam e repetiam sequencialmente no tempo, com pouco recurso ao grande e inexplorado manancial arquivístico disponível sobre o local e ainda menos à escassa informação arqueológica.
É que na realidade, o registo arqueológico desta intervenção (e de outras que lhe foram coevas ou se lhe seguiram) disponibilizou dados que impõem uma reflexão sobre a história do local que é hoje o centro histórico de Carnide. Na Idade Média era um morro com uma ermida no cume, cujas vertentes Este, Sueste e Nordeste estavam densamente perfuradas com silos, numa área delimitada e geologicamente propícia para a sua escavação, mas aparentemente sem habitações, o que a presença da ermida encarada como construção religiosa em sítio ermo poderá também denunciar. Esta situação ter-se-á mantido até ao século XVI, quando a importância do culto a Nossa Senhora da Luz impulsionou o crescimento populacional e urbanístico de Carnide através da instalação de conventos e suas cercas e de casas senhoriais com as suas quintas, na mesma altura em que os silos deixaram de ser "covas de pão" para servirem de covas para lixo até serem definitivamente abandonados e esquecidos. Pela mesma altura, em que os silos deixaram de guardar cereal e passaram a servir de lixeira, terão começado os enterramentos no interior da ermida e à sua volta, situação que se manteve até à segunda metade do século XIX quando a ermida foi demolida, o cemitério trasladado e a elevação terraplanada, criando-se a plataforma atual que constitui o espaço que é conhecido como Largo do Coreto. Não está em causa a existência medieval da aldeia de Carnide (atestada arquivisticamente sem sombra de dúvida), mas a grande quantidade de silos, a mancha da sua dispersão (que incluí a Rua das Parreiras, o Largo do Coreto, a Rua Neves Costa, a Rua do Machado, a Travessa e o Largo do Jogo da Bola), a proximidade de quatro conventos e suas cercas e de vários palácios com suas quintas, convida a procurar o aglomerado rural primitivo noutro sítio, ainda por identificar, talvez em cotas inferiores, nas proximidades da Igreja de São Lourenço, desde época medieval, sede da paróquia de Carnide (sobre a intervenção arqueológica: Caessa & Mota, 2013; Caessa & Mota, 2014; Caessa & Mota, 2016). Muitas destas considerações, resultantes da análise do registo arqueológico, colidem com a tradição literária que tem veiculado a história do local.

2. O CASO DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA DO LARGO DO CORETO E ENVOLVENTE EM CARNIDE (LCOR 12)

As ações de divulgação e publicitação realizadas com vista à sensibilização e educação patrimonial foram iniciadas ainda durante o período em que decorriam os trabalhos arqueológicos. As vias e o largo a intervencionar eram e são áreas muito movimentadas, frequentadas por residentes e clientes dos afamados restaurantes que existiam e continuam a existir no centro histórico de Carnide. Os trabalhos de requalificação e também os trabalhos arqueológicos foram alvo de bastante contestação popular por causarem grandes condicionantes à utilização habitual desses espaços. Face a esta problemática, começou a idealizar-se um projeto de Arqueologia Pública em meio urbano.

2.1. Interação com a população e as entidades locais

O acesso às áreas alvo de intervenção urbanística e arqueológica era impedido à circulação pública através de vedações que propositadamente permitiam o acompanhamento visual das operações. Assim, pode considerar-se que as primeiras ações começaram logo no início dos trabalhos arqueológicos sempre que (o que foi bastante frequente durante todo o período em que duraram), os membros da equipa de arqueologia eram confrontados com questões colocadas pelos transeuntes: umas suscitadas pela simples curiosidade, outras pelo desagrado provocado pela impossibilidade de utilização do espaço, outras pela perplexidade e interesse do que ia sendo registado (Fig. 2). Se nos primeiros meses as reações eram, maioritariamente, de desconforto e repúdio pelos trabalhos arqueológicos que era necessário desenvolver (dando até origem a reclamações de moradores e comerciantes na Junta de Freguesia de Carnide, na Câmara Municipal de Lisboa e na Direção Geral de Património Cultural), gradualmente as reações foram evoluindo num sentido mais favorável e a rejeição começou a dar lugar ao interesse e por vezes ao entusiasmo das pessoas. Esta evolução foi facilmente detetável no tipo de questões que iam sendo colocadas já sem referências aos incómodos que os trabalhos provocavam, na solicitação de informação cada vez mais específica sobre o que se registava e na partilha da informação que possuíam sobre o passado do local.

O empenho dos membros da equipa de arqueologia em esclarecer e apaziguar os residentes e transeuntes foi apoiado pelas entidades locais que regularmente solicitavam informação para as suas redes sociais (na altura, *blogs* e *sites*), destacando-se neste particular a Junta de Freguesia de Carnide, a Associação de Moradores da Quinta da Luz e o Centro Cultural Franciscano, por exemplo.
Após a saída da equipa de arqueologia do terreno, trabalhos de campo terminados, foi preparado para a população local e o público em geral um programa específico de atividades de extensão cultural.

2.2. Atividades de Extensão Cultural direcionadas para a população local e o público em geral

As reações e expetativas dos munícipes que presenciaram os trabalhos arqueológicos, o interesse e apoio da Junta de Freguesia de Carnide e a criação em Junho de 2013 do novo equipamento municipal dedicado à arqueologia do município de Lisboa, o Centro de Arqueologia de Lisboa (CAL), apresentaram-se como condições favoráveis à conceção de um projeto de extensão cultural com base na intervenção arqueológica.
O projeto, intitulado "Redescobrir a História de Carnide através da Arqueologia", concebido pelos arqueólogos que dirigiram os trabalhos, apresentava quatro grandes objetivos: promover a aproximação da arqueologia aos munícipes numa ótica de "Arqueologia Pública e Comunitária"; mostrar que a atividade arqueológica não se esgota no trabalho de campo; contribuir para a evolução do discurso histórico sobre Carnide; divulgar o papel do CAL.
Mediante uma calendarização bem definida, que se estendia entre 2013 e 2015, de modo a envolver a população local nos trabalhos arqueológicos que continuariam após o trabalho de campo e a mantê-la informada sobre os resultados obtidos do tratamento dos dados arqueológicos e dos seus efeitos no discurso sobre a história de Carnide, pretendia-se demonstrar inequivocamente os benefícios da investigação arqueológica na memória coletiva e provar que o tempo despendido na realização de trabalhos arqueológicos não é tempo perdido, mas é tempo investido.
Para tal, elencavam-se as ações a implementar:
Visitas orientadas ao CAL durante as quais os visitantes teriam oportunidade de assistir e nalguns casos participar nas múltiplas tarefas do trabalho arqueológico de gabinete, nomeadamente no que se refere a todas as fases do tratamento do espólio recolhido em Carnide. Esta ação teve início, na sequência de uma reunião realizada a 8 de Novembro de 2013, no CAL, com elementos da Junta de Freguesia de Carnide, em Março de 2014, assim que se reuniram as condições para tal. Ao longo do ano de 2014, 60 indivíduos da população escolar de Carnide e 30 seniores, organizados em grupos de 15 elementos participaram entusiasticamente nas atividades (Fig. 3).
Exposição sobre a intervenção arqueológica em Carnide, como forma de promover o património arqueológico na comunidade local e a sua importância na formação da memória coletiva. Inaugurada durante a Feira da Luz no *stand* da Junta de freguesia de Carnide, a 29 de Agosto de 2015, manteve-se até 27 de Setembro seguinte, com elevada afluência. Seguiu, adaptando, a mais simples das duas propostas para exposição apresentadas no projeto "Redescobrir a História de Carnide", constando de seis cartazes informativos e de três vitrinas com peças (Fig. 4).
Simpósio sobre "Arqueologia em Carnide", uma ocasião para reunir informação dispersa e promover o debate entre os vários arqueólogos que têm atuado em Carnide, contribuindo para um novo discurso historiográfico a divulgar pelo público. Tendo ficado por realizar, a falha terá sido compensada pela iniciativa da Academia Portuguesa de História, "II Curso de Verão: A Freguesia de Carnide – Quadros da História de Lisboa" (realizado a 2 de Julho de 2013 no auditório da sede daquela academia no Parque das Conchas, com uma assistência que rondou as 50 pessoas) e por uma sessão de "Arqueologia do Bairro" em Carnide dedicada à intervenção arqueológica intitulada "Redescobrir a História de Carnide através da Arqueologia" (realizada a 16 de Setembro de 2015, durante a Feira da Luz já com a exposição inaugurada, ocorreu no auditório do Centro Cultural Franciscano no Largo Luz onde a audiência ultrapassou as 100 pessoas, maioritariamente residentes no Centro Histórico).
Se entre o preconizado no projeto e o efetivamente realizado há muitas diferenças, os objetivos enunciados não deixaram de ser cumpridos mediante uma readaptação das ações a desenvolver.
No ano seguinte, um desafio lançado pela Junta de Freguesia de Carnide conduziu à presença dos arqueólogos que dirigiram a intervenção arqueológica na 16ª Feira de Expressões Artísticas de Carnide, certame que ocorre na semana do Dia Mundial da Criança, com o *atelier* de participação livre "Arqueologia no Largo do Coreto em Carnide", nos

dias 1 a 5 de Junho de 2016. A atividade era dirigida a um público infantil e juvenil e o objetivo era, orientadamente através de desenho arqueológico simplificado de peças e de fotografias, fazer *puzzles* de fragmentos de objetos cerâmicos encontrados na intervenção arqueológica do Largo do Coreto e envolvente e, simultaneamente, apresentar a panóplia de formas de louça de cozinha e mesa mais comuns nos séculos XVI e XVII.

2.3. Divulgação nos órgãos de comunicação social, impressos e audiovisuais:

Para além das repercussões nas redes sociais referidas acima, a intervenção arqueológica mereceu referência em periódicos impressos de difusão geral como o *Diário de Notícias* ("Moradores e lojistas impacientes com o atraso com o atraso das obras", In *Diário de Notícias*, 4 de Junho de 2012 e "Carnide poderá ter sido celeiro abastecedor da cidade de Lisboa", In *Diário de Notícias*, 18 de Dezembro de 2012) e a *Agenda Cultural de Lisboa* (que no nº 262, de Dezembro de 2012, entre as páginas 4 a 11, na reportagem "Arqueologia em Lisboa", da autoria de Tomás Collares Pereira, reserva a página 10 à intervenção arqueológica do Largo do Coreto de Carnide e ruas adjacentes).

No episódio nº 26 do programa *Com Ciência*, exibido na RTP2 a 11 de Julho de 2012, foi apresentada uma reportagem sobre Arqueologia partindo do caso da intervenção arqueológica do Largo do Coreto de Carnide e envolvente. Na primeira parte, filmada em trabalho de campo, são apresentados os resultados da intervenção arqueológica. Na segunda parte, em estúdio, são abordados temas mais abrangentes como a Arqueologia Preventiva e de Salvaguarda, a Arqueologia em Meio Urbano e a Arqueologia Pública, focando a ainda a questão da divulgação ao grande público dos resultados das intervenções arqueológicas, como forma de sensibilização e educação patrimonial (programa disponível em: https://arquivos.rtp.pt/conteudos/com-ciencia-33/ e apenas a primeira parte em: http://ensina.rtp.pt/artigo/arqueologia-o-desconhecido-por-baixo-do-que-vemos/).

2.4. Conferências

A primeira conferência sobre a intervenção arqueológica decorreu, por convite de uma instituição do ensino superior, ainda os trabalhos não tinham terminado, em fevereiro de 2013. Foi apenas a primeira de muitas outras, maioritariamente dedicadas à comunidade científica, tendo a maioria delas resultado em publicações.[3]

2.5. A publicação científica dos resultados

A duração da intervenção arqueológica do Largo do Coreto de Carnide e ruas adjacentes, a quantidade de espólio exumado, o tratamento de toda informação acumulada, associados ao facto de a equipa de arqueologia, após o trabalho de campo ter ficado reduzida aos dois arqueólogos responsáveis pela direção dos trabalhos que, enquanto funcionários municipais tiveram que assumir, escassos meses depois, novas intervenções arqueológicas na cidade, preconizavam à partida a possibilidade da entrega do Relatório Final da intervenção fora dos prazos estipulados no Regulamento de Trabalhos Arqueológicos. Nestas condições, foi preocupação imediata ao final dos trabalhos de campo iniciar um programa de divulgação científica dos resultados da intervenção, à medida que os registos de campo iam sendo tratados. Recorreu-se ao Banco de Voluntariado da CML para a limpeza e acondicionamento de espólio e procuraram-se estudantes universitários e investigadores que se interessassem pelo estudo dos vários materiais exumados (ação que também contribuiu para a inclusão da comunidade geral e da académica).

De todo esse esforço, que contribuiu também para a finalização e entrega do Relatório Final (em 2021) foram sendo publicados os vários artigos aguardando-se mais alguns (sobretudo dedicados à grande quantidade e variedade de espólio artefactual e orgânico recuperado). No momento presente, entre publicações efetivadas e no prelo, contam-se 18 trabalhos que lhe são dedicados totalmente ou em grande parte (Caessa & Mota, 2013; Caessa & Mota,

3. Referem-se aqui as proferidas pelos arqueólogos que dirigiram os trabalhos arqueológicos que não deram origem a publicação: "Núcleo Antigo de Carnide. Redescobrindo a história perdida", no âmbito do Workshop Núcleo Histórico de Carnide/ Património e Identidade – Centro de Investigação LABART/ Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (Lisboa, Carnide). 26 de Fevereiro de 2013; "Centro Histórico de Carnide. Interpretação à luz dos novos dados arqueológicos", no âmbito do Seminário Lisboa Subterrânea/ Trajetos na Arqueologia Lisboeta Contemporânea (Lisboa). Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa, 21 de Maio de 2014; "Núcleo histórico de Carnide – Uma leitura arqueológica", no âmbito da Festa da Arqueologia (3 a 5 de Junho). Museu Arqueológico do Carmo, 5 de Junho de 2016.

2014; Caessa & Mota, 2016; Boavida, 2017a; Boavida, 2017b; Casimiro, Boavida & Moço, 2017; Casimiro, Boavida & Detry, 2017; Casimiro, Henriques, Filipe & Boavida, 2018; Curado, 2018; Davis, Albarella, Detry *et alii*, 2018; Medici & Boavida, 2018; Casimiro & Boavida, 2021a; Casimiro & Boavida, 2021b; Detry, Santos, Casimiro *et alii*, 2021; Garcia, Caessa & Mota, 2022; Casimiro & Boavida, 2023; Casimiro, Moço & Boavida, no prelo; Caessa & Mota, no prelo).

3. O BALANÇO POSSÍVEL

Depois da descrição das medidas que foram tomadas no sentido de aproximar os trabalhos arqueológicos realizados à comunidade local, tanto através das várias ações de divulgação dirigidas para os diferentes tipos de público, como no esforço de, tanto quanto possível, envolver a comunidade local e a comunidade académica, de forma mais ou menos direta nessas atividades, impõe-se uma reflexão sobre o impacto que tudo isso teve em termos de sensibilização e educação patrimonial e na reformulação do discurso histórico sobre Carnide.

Neste aspeto, esta intervenção não foge ao que é, infelizmente, comum, ou seja, também neste caso não foram reunidas as condições para fazer essa desejável avaliação de forma rigorosa, sobre bases científicas. Se essa tarefa é trabalhosa e morosa quando aplicada à análise dos reflexos da intervenção arqueológica na produção bibliográfica académica, historiográfica ou mesmo arqueológica, em temáticas relacionadas (sobre a arqueologia ou a história de Carnide, ou sobre silos, por exemplo), ela será extremamente difícil quando se procura verificar os seus efeitos na comunidade não especializada. Na verdade, se o impacto no público em geral das medidas de comunicação e divulgação da intervenção arqueológica é praticamente impossível de conhecer, já aquilo que ficou na memória da comunidade local é passível de ser estudado e interpretado através de metodologias várias, talvez as próprias da Antropologia Social, onde os inquéritos poderiam funcionar como ponto de partida. Só desse modo se concluiria sobre a eficácia, ou não, do plano de comunicação e das ações de divulgação e inclusão realizadas. Também só assim seria possível identificar eventuais fragilidades e procurar soluções que as colmatassem. Mas isso ainda não foi feito.

De momento, não podem ser tecidas considerações minimamente fiáveis sobre os efeitos de toda a estratégia descrita acima na comunidade local e também não podem ser apresentados dados rigorosos relativamente ao mesmo assunto no respeitante à produção bibliográfica (isso exigiria um exaustivo trabalho de levantamento e respetiva análise que ainda não foi feito de forma sistemática). Podem, porém, apontar-se alguns exemplos no campo da produção académica e historiográfica em que a divulgação científica da intervenção arqueológica teve poucos efeitos (no caso da produção académica), ou efeitos pouco desejáveis (no caso da produção historiográfica).

Como exemplo de produção académica pode ser apresentada a dissertação de mestrado defendida por Sérgio Manuel Peleja Rosa, em 2019, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Nova de Lisboa, intitulada "Os silos medievais de Almada morfologia e dinâmicas de utilização".

Versando sobre o importante conjunto de silos identificados no centro histórico da cidade de Almada, este trabalho académico dedica o segundo capítulo ao "Estado da Arte", em que distingue um subcapítulo onde escreve sobre "O estado atual da investigação". Aí, apresenta "uma análise sobre as publicações de estudos arqueológicos acerca de silos, sobretudo os que tenham abordagens sobre o estudo da morfologia das estruturas, ou apresentem dados relevantes para a investigação desenvolvida neste trabalho" (Rosa, 2019, 22). Surpreende, portanto, que no elencar das publicações divulgando silos identificados em contexto arqueológico em Portugal e ilhas, Lisboa (região tão próxima geograficamente, historicamente e culturalmente de Almada), esteja apenas representada por Carnide e ainda assim através de uma referência (erradamente enunciada no texto como Monteiro *et al.*, 2008 e na verdade, Monteiro *et al.* 2013, tal como aparece na lista bibliográfica do final) quando apenas 7 silos eram conhecidos arqueologicamente (os 6 musealizados no Largo do Jogo da Bola, e o escavado na Casa Portela Santos em 2007), ignorando inexplicavelmente os restantes 154 identificados arqueologicamente e publicados desde essa data até 2019, dos quais 127 foram registados e em grande número escavados durante a intervenção LCOR 12. Esta situação torna-se ainda mais bizarra, quando se verifica que na lista bibliográfica da dissertação aparecem mais duas referências relativas a silos em Lisboa, uma (Pereira, 1923-1924) por lapso datada de 1925, a respeito de 4 silos encontrados no Chiado (mas não em contexto arqueológico) e a outra relativa aos silos em Carnide, esta referente à

intervenção LCOR 12, mas datada de 2013 (Caessa & Mota, 2013), ou seja, a mais antiga, correspondente a um texto elaborado um par de meses após a finalização dos trabalhos de campo, com o trabalho sobre o registo arqueológico em fase muito preliminar. Esta referência é utilizada pelo autor quando se debruça sobre o perfil dos silos elípticos (Rosa, 2019, 52). Em 2019, porém, já estava disponível bibliografia mais atualizada e pormenorizada sobre esta intervenção, bem como sobre outras onde também foram encontrados silos. Que critérios estiveram subjacentes à relação de exemplos e de referências bibliográficas, não fica claro apesar da advertência inicial já referida (dado o teor da maioria das referências mencionadas). Sendo um trabalho de natureza académica, esteve como é normal, muito condicionado a limites temporais e espaciais e a preceitos ditados por orientação supervisora.

Como exemplo de produção historiográfica (sempre tão escassa quando o tema é Carnide), pode ser analisada a recente (de 2021) monografia intitulada "A ermida que há dentro deste lugar de Carnide", da autoria de José da Silva Carvalho, publicada pela Caleidoscópio. Embora dedicada à história da Ermida do Espírito Santo, a obra acaba por abordar toda a história de Carnide. Por essa razão e porque a referida ermida se ergueu durante vários séculos no local que hoje é vulgarmente designado como Largo do Coreto de Carnide, o autor recorreu a bibliografia de natureza arqueológica, tanto à que se refere à intervenção LCOR 12, como como à que respeita a outras intervenções no centro histórico da freguesia. Segundo a lista de referências bibliográficas da monografia, foram até consultados relatórios de intervenções arqueológicas que não tinham sido alvo de publicação. Se a recolha da informação arqueológica parece ter sido realizada de forma mais ou menos exaustiva, já o uso da informação obtida ficou viciado por ideias pré-concebidas resultantes de uma longa tradição bibliográfica mais literária do que verdadeiramente historiográfica que remonta ao século XVII. O trabalho foi também, talvez, prejudicado por uma certa incapacidade do autor na gestão de toda a informação proveniente de fontes muito diversas que era necessário hierarquizar, confrontar com isenção e trabalhar conjuntamente, por aparente ausência de domínio das metodologias científicas para a elaboração de conhecimento histórico fundamentado.

Assim se compreende, por exemplo, a confusão no significado do conceito de "hospital" em época medieval e a insistência na existência de uma leprosaria associada à ermida cujos vestígios materiais ainda serão supostamente visíveis no edificado atual (por exemplo, Carvalho, 2021, 55, 114 e 131-144), o mesmo sucedendo com o suposto local de um Paço dos Bispos (Carvalho, 2021, 31, 201-202), ou mesmo sobre a localização da aldeia medieval de Carnide no que é hoje o centro histórico, contra todas as evidências arqueológicas nos locais propostos pelo autor. Embora refira os silos, tanto os dados a conhecer em bibliografia antiga, como os identificados em trabalhos arqueológicos no centro histórico de Carnide, desvaloriza o seu número e densidade na mancha de dispersão, assim como as cronologias apontadas para o seu uso como "covas de pão" e depois como lixeiras subterrâneas, já que esses dados permitem tirar ilações que colocam em causa as ideias veiculadas pela tradição literária baseada em informação pouco documentada ou, mais raramente, apoiada em referências arquivísticas fiáveis, mas pouco passíveis de fornecer localizações com algum grau de rigor. E é esta linha discursiva tradicional que esta nova monografia, afinal, continua a seguir. A maioria das considerações apresentadas nesta monografia baseadas nas conclusões a que chegaram os arqueólogos demonstra grande incompreensão pelo trabalho de campo, as suas metodologias, potencialidades e limitações. Mas afinal, o mesmo acontece, embora de forma menos percetível, relativamente às fontes históricas de natureza arquivística (e aparentemente não foram poucas) a que teve acesso.

O que importa salientar é que esta monografia é um bom exemplo do pouco impacto, ou impacto indesejável, que as publicações científicas de trabalhos arqueológicos tiveram sobre um trabalho de natureza historiográfica. Os dados arqueológicos foram levados em consideração, mas de certa forma anulados na sua condição de fonte histórica, ou porque não foram compreendidos, ou porque não se adequavam a um discurso pré-concebido. Alguns foram reduzidos, quando isso foi conveniente, à mera confirmação do discurso tradicional, outros foram mesmo postos em causa (sendo apresentados como resultado de trabalhos realizados sob pressão e com pouco rigor) apenas porque não se conformavam com o discurso estabelecido, ou não respondiam ao desejado. Esta situação deveria provocar uma reflexão aprofundada que procurasse compreender o motivo pelo qual publicações arqueológicas de vários e diferentes autores e referentes a diversos trabalhos

arqueológicos tiveram tão pouco eco ou foram tão mal compreendidas, numa obra de natureza historiográfica. Por que razão houve tanta aversão à reformulação do discurso histórico, quando as ações arqueológicas servem precisamente para produzir conhecimento histórico? Apesar do aparato bibliográfico desta monografia, convém não perder de vista que o seu autor é arquiteto de formação e que não se ficou neste seu trabalho, pela análise arquitetónica ou pela história da arquitetura, temas que aliás, contra todas as expectativas, são residuais e acessórios, na referida monografia.

Apresentados estes dois exemplos, poderia colocar-se a hipótese da inutilidade e pouca eficácia de todas as ações de comunicação e divulgação, científica ou generalista, realizadas, não fossem em maior número os bons exemplos na produção de bibliografia científica. A não existência de estudos que avaliem o seu impacto na comunidade local, geral, académica e especializada e alguns exemplos desmotivadores, não são argumento suficiente para a desresponsabilização relativamente à comunicação e ao envolvimento da comunidade que não deve ficar alheia aos trabalhos arqueológicos que decorrem sob os seus olhos e constituem fonte de conhecimento sobre a história e a construção da identidade do local. Os arqueólogos devem promover ativamente a sensibilização e a educação patrimonial se querem que a sua atividade seja compreendida, valorizada e encarada como necessária e essencial, justificando todos os investimentos, recursos e meios que implica. É preciso não esquecer que até finais do século XX a atividade arqueológica era rara, tanto em meio urbano como fora dele, tendo um carácter quase excecional. Até essa altura, o discurso histórico era construído sobre bases científicas praticamente sem o recurso às fontes arqueológicas com as lacunas que isso implicou. Essa situação mantêm reflexos até aos dias de hoje e é importante e urgente contribuir para a mudança de mentalidades, antes que a ignorância, o desconhecimento e os constrangimentos orçamentais conduzam ao desaparecimento da atividade arqueológica das rotinas e a façam recuar à condição de atividade rara e verdadeiramente extraordinária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAVIDA, Carlos (2017a) – Preparar, servir e comer – vestígios arqueológicos metálicos do que se usava na cozinha e à mesa na Lisboa da Idade Moderna. Uma primeira abordagem. In SENNA-MARTINEZ, João Carlos; MARTINS, Ana Cristina; MELO, Ana Ávila; CAESSA, Ana; MARQUES, António; CAMEIRA, Isabel (org.), *Diz-me o que comes... alimentação antes e depois da cidade* (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa, nº 1). Lisboa: CML/DMC/DPC/CAL e SGL/SA, pp. 122-130.

BOAVIDA, Carlos (2017b) – De objectos inúteis, perdidos e esquecidos. Os artefactos metálicos do Largo do Coreto (Carnide, Lisboa). In ARNAUD, José; MARTINS, Andreia (ed.), *Arqueologia em Portugal 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1835-1847.

BOAVIDA, Carlos; MEDICI, Teresa (2018) – Da importação à inspiração. Os vidros do Largo do Coreto, Carnide (Lisboa). In SENNA-MARTINEZ, João Carlos; MARTINS, Ana Cristina; CAESSA, Ana; MARQUES, António; CAMEIRA, Isabel (eds.) *Meios, vias e trajectos... Entrar e sair de Lisboa* (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa 2). Lisboa: CML/DMC/DPC/CAL e SGL/SA, pp. 177-194.

BOLDUC, Laurence (2018) – Au coeur de l'Archéologie Publique: portrait d'un domaine de recherche en expansion. *Archéologiques* 31 (Association des Archéologues du Québec), pp. 96-107.

BOURDIEU, Pierre (2004) – *Para uma Sociologia da Ciência*. Lisboa: Edições 70.

CAESSA, Ana; MOTA, Nuno (2013) – Redescobrindo a história de Carnide: a intervenção arqueológica do Largo do Coreto e envolvente. In ARNAUD, José; MARTINS, Andreia; NEVES, César (coord.), *Arqueologia em Portugal: 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1025-1032.

CAESSA, Ana; MOTA, Nuno (2014) – O núcleo histórico de Carnide: o contributo da investigação arqueológica. In VEIGA, Carlos Margaça; REIS, Maria de Fátima (coord.), *Quadros da História de Lisboa: a Freguesia de Carnide*. Lisboa: Academia Portuguesa de História, pp. 83-104.

CAESSA, Ana; MOTA, Nuno (2016) – Núcleo histórico de Carnide: uma leitura arqueológica. *Rossio. Estudos de Lisboa*, 6, Lisboa: CML/DMC/DPC/GEO, pp. 96-107. (https://issuu.com/gabinete_estudos_olisoponenses/docs/rossio_6i).

CAESSA, Ana; MOTA, Nuno (no prelo) – As "covas de pão" de Carnide. Um grande celeiro às portas da Lisboa Medieval. In *Silos Matamorras e Covas de Pão: armazenamento medieval e moderno em Portugal* (Colóquio no Museu Arqueológico do Carmo, 18 e 19 de Outubro de 2018) a publicar em *Arqueologia & História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

CARVALHO, José da Silva (2021) – *A ermida que há em Carnide*. Lisboa: Caleidoscópio.

CASIMIRO, Tânia; BOAVIDA, Carlos; MOÇO, Ana (2017) – Louça de fora em Carnide (1550-1650). Estudo do consumo de cerâmica importada. In CAESSA, Ana; NOZES, Cristina; CAMEIRA, Isabel; SILVA, Rodrigo Banha (ed.), *I Encontro*

de Arqueologia de Lisboa: uma cidade em escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Novembro de 2015), Lisboa: CML/DMC/DPC/CAL, pp. 56-67.

CASIMIRO, Tânia; BOAVIDA, Carlos; DETRY, Cleia (2017) – Cozinhar e comer: cerâmicas em Carnide (1550-1650). In SENNA-MARTINEZ, João Carlos; MARTINS, Ana Cristina; MELO, Ana Ávila; CAESSA, Ana; MARQUES, António; CAMEIRA, Isabel (org.), *Diz-me o que comes... alimentação antes e depois da cidade* (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa, nº 1) Lisboa: CML/DMC/DPC/CAL e SGL/SA, pp. 122-130.

CASIMIRO, Tânia; HENRIQUES, José Pedro; FILIPE, Vanessa; BOAVIDA, Carlos (2018) – Lead glazed ceramics in Lisbon (16th-18th centuries). In PEREIRA, Sílvia; MENEZES, Marluci: RODRIGUES, José Delgado (ed.). In *Proceedings of the GlazeArt 2018 – International Conference Glazed Ceramics and Cultural Heritage.* Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil, pp. 268-282.

CASIMIRO, Tânia; BOAVIDA, Carlos (2021a) – 16th and 17th centuries lead glazes from Carnide (Lisbon). In PETRIDIS, Platon; YANGAKI, Anastasia; LIAROS, Nikos; BIA, Elli-Evangelia (eds.) *12th Congress on Medieval and Modern Period Mediterranean Ceramics – Proceedings*, vol. I (2018). Athens: Institute of Historical Research, National Hellenic Research Foundation, AIECM3 – Associação Internacional para o Estudo da Cerâmica Medieval e Moderna no Mediterrâneo, pp. 227-232.

CASIMIRO, Tânia; BOAVIDA, Carlos (2021b) – Blow your whistle: Ceramic whistles in early modern Lisbon. In BLAžKOVÁ, Gabriela; MATěJKOVÁ, Kristyna (eds.) *Europa Postmediaevalis 2020: Post-Medieval Pottery in the Spare Time.* Oxford: Archaeopress, pp. 171-176.

CASIMIRO, Tânia; BOAVIDA, Carlos (2023) – Louça vermelha pintada a branco de Carnide (Lisboa) 1550-1650. *Scaena*, 4. Lisboa: Teatro Romano/Museu de Lisboa – CML, pp. 50-59.

CASIMIRO, Tânia; MOÇO, Ana; BOAVIDA, Carlos (no prelo) – From simple decorations to complex ideologies. Cultural and social influences in Portuguese tin glaze consumption in 16th and 17th century. In *Actas do XIII Congreso sobre Cerámica Medieval y Moderna en el Mediterráneo*; AIECM3 (Granada, 2021).

CURADO, Tiago (2018) – Circulação monetária estrangeira em Portugal, In SENNA-MARTINEZ, João Carlos; MARTINS, Ana Cristina; CAESSA, Ana; MARQUES, António; CAMEIRA, Isabel (org.), *Meios, Vias e Trajetos... Entrar e Sair de Lisboa* (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa nº 2). Lisboa: CML/DMC/DPC/CAL e SGL/SA, pp. 195-199.

DAVIS, Simon; ALBARELLA, Umbero; DETRY, Cleia; GINJA, Catarina; GÖTHERSTROM, Anders; PIRES, Ana Elisabete; SENDIM, Alfredo & SVENSSON, Emma (2018) – An osteometrical method for sexing cattle bones: the metacarpals from 17th century, Carnide, Lisbon, Portugal. *Annalen des Naturhistorichen Museums in Wien*, Série A, 120, pp. 367-387.

DETRY, Cleia; SANTOS, Ana Beatriz; CASIMIRO, Tânia; CAESSA, Ana; MOTA, Nuno (2021) – Animal remains from 17th century, Carnide, Lisbon, Portugal. In ALBARELLA, Umberto, DETRY, Cleia, GABRIEL, Sónia; GINJA, Catarina, PIRES, Ana Elisabete, TERESO, João Pedro (eds.), *Themes in world zooarchaeology from the Mediterranean to the Atlantic*. Oxford and Philladelphia: Oxbow, pp. 145-160.

GARCIA, Susana; CAESSA, Ana; MOTA, Nuno (2022) – Enterramentos no Largo do Coreto em Carnide: Vestígios do cemitério e da ermida do Espírito Santo. In *A Morte em Lisboa – Novos dados, Novas Problemáticas* (Colóquio no Museu do Carmo, 8 de abril de 2017), *Arqueologia & História. Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, volumes 71-72, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 105-118.

MARTINS, Manuela (2012-2013) – Arqueologia e sociedade: desafios da Arqueologia do século XXI. *Forum,* 47-48 (Braga), pp. 131-138.

MONTEIRO, Mário; ANTÓNIO, Telmo (2013) – Vestígios arqueológicos na casa Portela Santos (Carnide Lisboa). In *Emerita – Estudos de Arqueologia e Património Cultural*, pp. 74-112.

MOSHENKA, Gabriel, ed. (2017) – *Key concepts in Public Archaeology*. London: University College London Press.

PEREIRA, Félix Alves (1923-1924) – Quatro silos ou celeiros encontrados no Chiado. Olaria portuguesa antiga. Covas dos mouros: sua antiguidade. A cerca do Carmo – *Antiqvitus* XXIII. *O Archeólogo Português*, XXVI. Lisboa, pp. 171-178.

ROSA, Sérgio Manuel Peleja (2019) – *Os silos medievais de Almada. Morfologia e dinâmicas de utilização*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia (versão corrigida e melhorada após defesa pública). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiado).

SKEATES, Robin; McDAVID, Carol; CARMAN, John, ed. (2012) – *The Oxford Handbook of Public Archaeology*. Oxford: University Press.

VALERA. António Carlos (2008) – A divulgação do conhecimento em Arqueologia: reflexões em torno de fundamentos e experiências. *Praxis Archeaologica* 3, (Associação Profissional de Arqueólogos) pp. 9-23.

WILLIAMS, Howard; PUDNEY, Caroline; EZZELDIN, Afnan, ed. (2019) – *Public Archaeology: arts of engagement*. Oxford: Archaeopress Publishing.

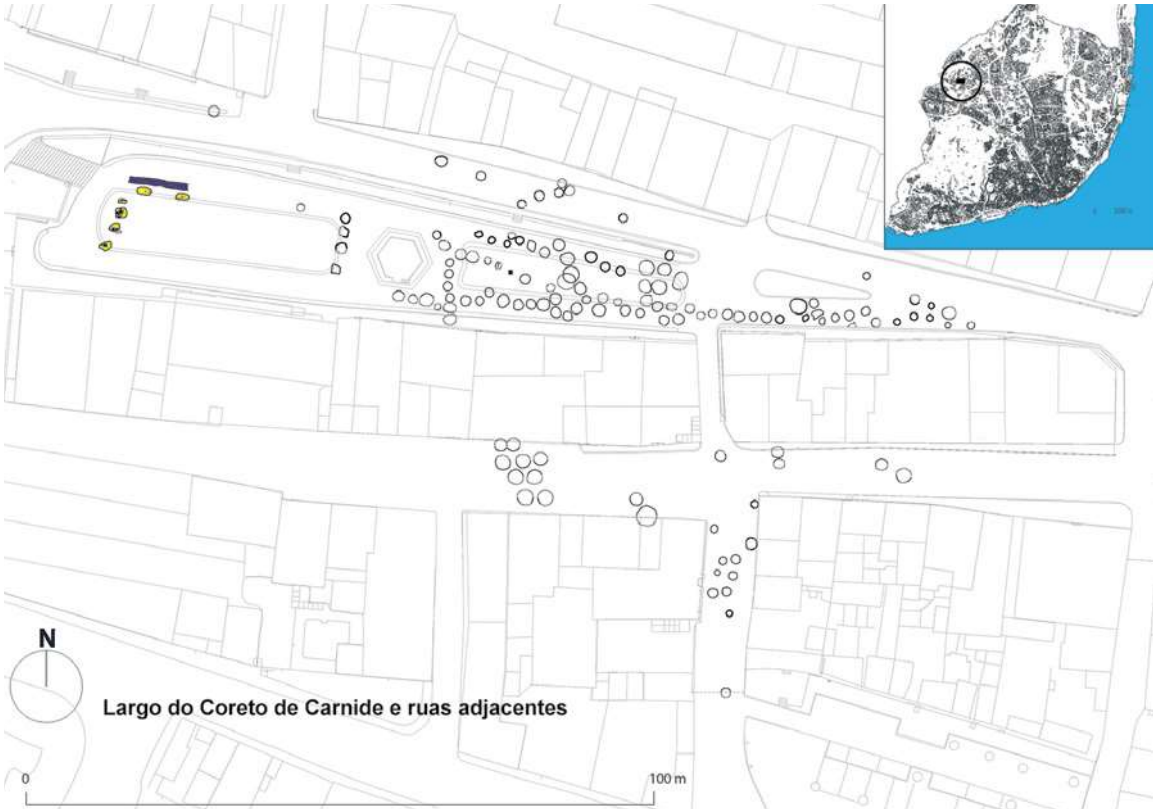


Figura 1 – Localização do Largo do Coreto de Carnide e das ruas adjacentes, com os vestígios arqueológicos descobertos na intervenção: à esquerda, os vestígios da ermida e os enterramentos associados; mancha de silos dispersos por todo o espaço público do centro histórico (Desenho: Nuno Mota©).



Figura 2 – Registo de um dos habituais momentos de interação entre os arqueológos no terreno e a população local, sempre interessada nas novidades arqueológicas e nos prazos de obra (Foto: Romão Ramos©).



Figura 3 – Aspeto de uma visita de um grupo de seniores de Carnide às instalações do CAL, no âmbito do Projeto "Redescobrir a História de Carnide através da Arqueologia" (Foto: Nuno Mota©).



Figura 4 – Aspeto de um dos cartazes que estiveram integrados na exposição dedicada ao projeto "Redescobrir a História de Carnide" patente na Feira da Luz, em 2015
(Design: Gonçalo Ferreira©).



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

1 2 9 0 FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA

SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA
DHEMA • FACULDADE DE LETRAS • UC
PALÁCIO DE SUB-RIPAS

CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES
CEIS20 | Universidade de Coimbra

Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

PATRIMÓNIO
CULTURAL
Direção-Geral do Património Cultural

MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO

CONIMBRIGA

seminário
maior de coimbra